

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA PAULA QUEIROZ DOS SANTOS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PLANEJAMENTO URBANO:
ROTAS DE ACESSO PARA A PROMOÇÃO DA HARMONIA URBANA**

CASCABEL

2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA PAULA QUEIROZ DOS SANTOS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PLANEJAMENTO URBANO:
ROTAS DE ACESSO PARA A PROMOÇÃO DA HARMONIA URBANA**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação

Professor Orientador: Carolina de Moraes
Sonda

CASCADEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
ANA PAULA QUEIROZ DOS SANTOS

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: PLANEJAMENTO URBANO:
ROTAS DE ACESSO PARA A PROMOÇÃO DA HARMONIA URBANA**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Arq. Carolina de Moraes Sonda.

BANCA EXAMINADORA

Carolina de Moraes Sonda
Centro Universitário Assis Gurgacz
Prof^a Arquiteta

Ana Paula Rodrigues Horita Bergamo
Instituição a que Pertence
Prof^a Arquiteta

Cascavel/PR, 23 de maio de 2017

RESUMO

A presente pesquisa está vinculada ao Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz – TC CAUFAG. A pesquisa aborda teorias sobre a humanização dos espaços públicos e a sua influência na vida dos cidadãos. O problema motivador da pesquisa é formulado pela seguinte questão: O planejamento urbano implantado na cidade de Corbélia é capaz de promover a mobilidade urbana e a humanização do espaço urbano? Partindo da hipótese de que o plano diretor da cidade não apresenta propostas condizentes com a vocação do município. O trabalho resultará em monografia e artigo científico. Possui como título “Fundamentos Arquitetônicos: Planejamento urbano: Rotas de acesso para a promoção da harmonia urbana”, é de autoria da acadêmica Ana Paula Queiroz Dos Santos e orientado pela Profª Arqª Carolina de Moraes Sonda na linha de pesquisa “Planejamento Urbano e Regional” e no grupo de pesquisa “Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional”, no qual será apresentada uma análise teórica, consistindo no tema “humanização dos espaços públicos” com o título “O planejamento urbano: Rotas de acesso para a promoção da harmonia urbana”.

Palavras chave: Planejamento urbano. Corbélia. Plano diretor. Harmonia urbana.

LISTAS IMAGEM

Imagem 1 - Esquema das aberturas realizadas por Haussmann	13
Imagem 2 - Île De La Cité.....	13
Imagem 3 - Rotatória da cidade de Maringá	28
Imagem 4 - Via para pedestre em Essen.....	34
Imagem 5 - Praça Guadalajara em Corbelia.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS.....	09
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	09
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS.....	10
2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	11
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	12
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO.....	13
3.1 O PLANEJAMENTO URBANO	13
3.2 MORFOLOGIA URBANA.....	14
3.3 ESPAÇOS HUMANIZADOS.....	15
3.3.1 Praças Públicas	16
4 CORRELATOS OU ABORDAGENS.....	20
4.1 O PLANO DE HAUSSMANN PARA A CIDADE DE PARIS.....	20
4.2 TRAÇADO E TOPOGRAFIA DA CIDADE DE MARINGÁ.....	21
4.3 A COERENCIA ESPACIAL DA CIDADE DE CURITIBA.....	22
5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO.....	22
5.1 CORBÉLIA.....	23
6 CONSIDERAÇÕES.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está vinculada ao Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz – TC CAUFAG, resultando em monografia e artigo científico. Possui como título “Fundamentos Arquitetônicos: Planejamento urbano: Rotas de acesso para a promoção da harmonia urbana”, de autoria da acadêmica Ana Paula Queiroz Dos Santos e orientado pela Prof^a Arq^a Carolina de Moraes Sonda na linha de pesquisa “Planejamento Urbano e Regional” e no grupo de pesquisa “Métodos e Técnicas do Planejamento Urbano e Regional”, no qual será apresentada uma análise teórica, consistindo no tema “O planejamento urbano: Rotas de acesso para a promoção da harmonia urbana”.

O assunto da pesquisa é planejamento urbano do município de Corbélia e a sua influência com referência aos espaços humanizados.

O problema instigador da pesquisa é formulado pelo seguinte questionamento: O planejamento urbano implantado na cidade de Corbélia é capaz de promover a mobilidade urbana e a humanização do espaço urbano? Parte-se da hipótese inicial de que o plano diretor da cidade não apresenta propostas condizentes com a vocação do município.

De modo específico, este artigo buscou analisar as diretrizes previstas no planejamento urbano de Corbélia para os espaços urbanos; Pesquisar sobre a mobilidade urbana; Pesquisar sobre espaços urbanos humanizados; Pesquisar morfologia urbana; Levantar o histórico de ocupação da cidade de Corbélia; Pesquisar e analisar a legislação municipal de Corbélia; Levantar e analisar a morfologia urbana do município de Corbélia.

Para Rogers (2001), a explicação do desenvolvimento das cidades e da economia esteve sempre unido ao conceito de “modernização”, não considerando a qualidade desse espaço para a sua população. O autor ainda constata que as pessoas relacionam a cidade a um ambiente cujo espaço é desenvolvido para automóveis e edifícios não conseguindo se colocar como principal foco desse espaço.

Têm-se como marco teórico a frase:

Não pode existir harmonia urbana ou melhoria ambiental real sem paz e garantia da aplicação dos direitos humanos básicos. São necessários novos conceitos de planejamento urbano para integrar as responsabilidades sociais. (Richard Rogers, 2001, vol 1, p. 08)

A metodologia deste projeto se embasará no estudo de caso e no método comparativo. O estudo de caso, uma vez que será analisada uma realidade local específica. Para Yin (apud Ventura, 2007, p. 384) o estudo de caso se caracteriza por uma investigação empírica e

compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e análise de dados.

O método comparativo será usado, pois busca-se comparar a situação atual da cidade de Corbelia com cidades exemplos de harmonia urbana. Para Marconi e Lakatos (2011 p. 92), o método comparativo prevê a investigação de coisas ou fatos e explica-os segundo suas semelhanças e diferenças, permitindo ainda, comparações fim de verificar e explicar suas similaridades e divergências.

Utilizar-se-á ainda a revisão bibliográfica para embasar o trabalho no que diz respeito ao município. Para Ruiz (1982 p. 58) a revisão bibliográfica consiste em uma análise de tudo que já foi produzido sobre determinado assunto que serve como referência para a elaboração de outros trabalhos.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS

Este capítulo tem como intuito a integração do tema de pesquisa com as teorias e os fundamentos que embasam a formação do arquiteto urbanista. Em razão disso, foi realizado um resgate histórico da teoria da arquitetura e do urbanismo, sendo esses: historia e teorias, metodologias de projetos, urbanismo e planejamento urbano e tecnologias da construção.

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

Proença (2001, p.27) narra que os gregos foram os primeiros povos da Antiguidade a consolidarem suas obras apenas inteirando o que era necessario para o dia-a-dia do homem, desconsiderando religiões e credo, concretizando obras racionais e com mais livre-arbítrio.

Para Zevi (2000 p. 26) cada obra difere-se por distintos valores, sendo eles econômicos, sociais, funcionais, técnicos, artísticos, espaciais e decorativos.

Pereira (2010 p. 14), relata que a historia da arquitetura pode ser explicada através da história da arte, através de seus marcos excepcionais e seus edifícios majestosos assim como a história do urbanismo pode ser recontada através dos desenhos das urbes.

Glancey (2001, p.144), afirma que a Revolução Industrial motivou a celeração do crescimento da construção civil ao atrair um grande numero de pessoas que migraram da zona rural para a zona urbana.

A cidade industrial alcançou as probabilidades máximas do que se esperava, a urbe estava trabalhando alicerçada no comércio, na moradias e no trabalho, entretanto, o próprio sistema se modificou trazendo consequencias a ela propria, pois o resultado não foi planejado cocasionando muitas complicações (MARIANI, 1986, p.6).

Harouel (2001, p.12), nos traz que desde a Grécia Antiga as cidades eram analisadas estrategicamente, considerando o solo, os vento, o sítio, a localização, sua topografia, as politicas, as religiões, etc.

Argan (1998, p.73) explica que a cidade ideal é aquela que supre todos os problemas presentes na cidade real, ou seja, uma “cidade referência”, idealizada como uma obra de arte, contudo, a cidade ideal sofreu alterações e deformações com o passar do tempo.

Mariani (1986, p.26) expõe a necessidade de uma cidade capital, para que os produtos mercantis pudessem ter um lugar para serem recebidas e posteriormente o excedente pudesse

ser distribuído gerando riqueza em todo o Estado.

Glancey (2001, p.144) afirma que com o progresso da cidade, tornou-se imprescindível o trabalho do planejador urbano, cuja função seria a de decifrar os problemas das cidades e propusesse um estudo percorrendo as possibilidades de solucionar os problemas encontrados, fazendo com que as urbes funcionem de acordo com as necessidades de seus habitantes.

Mariani (1986, p.6) alega que a cidade industrial alcançou as probabilidades máximas do que se esperava, a urbe estava trabalhando alicerçada no comércio, na moradia e no trabalho, entretanto, o próprio sistema se modificou trazendo consequências a ela própria, pois o resultado não foi planejado ocasionando muitas complicações.

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

Abbud (2006, p. 15), revela que o paisagismo é a única demonstração artística em que se tem todos os elementos humanos, onde a arquitetura, através de pinturas, esculturas e demais artes e aproveitam-se da visão de seu receptor.

O projeto de paisagismo deve transparecer certos elementos, fazendo com que o percurso se torne mais prazeroso. É por esse percurso que teremos várias percepções, incluindo a percepção de beleza.

Abbud (2006 p. 24), diz que não há projeto paisagístico sem a definição de lugares, espaços aprazíveis que seduzam as pessoas e estimulam a sua permanência.

De acordo com Waterman (2010 p. 52), o paisagismo é inexato pois quando há muitas informações para se explorar, nos deparamos com os limites humanos, assim o paisagista tenta dispor de tudo, a fim de atender todas as funções humanas e naturais que se esperam de um espaço.

Fontes (2002 p. 09) compara o arquiteto com um produtor teatral, pois planeja os cenários das nossas vidas. O autor ainda completa dizendo que a arquitetura é algo impossível de ser explicada, é o “algo a mais”, como a arte que deve ser sentida e não explicada.

Waterman (2010, p.14) descreve que “um dos maiores paradoxos da nossa era seja o fato de, embora nunca tenhamos conhecido tão bem os sistemas naturais, estamos destruindo estes sistemas em uma escala sem precedentes. Já não resta praticamente nenhum lugar na terra que não tenhamos modificado ou afetado de alguma maneira.” Em contrapartida ABBUD (2006, p.58) diz que “há certas regiões com parcelamento do solo e diretrizes de

ocupação que incentivam a presença de árvores, como nos bairros-jardim. E há outros setores urbanos nos quais é extremamente complicado plantar árvores, caso dos loteamentos de interesse social, que dispõem de lotes não maiores que 125 metros quadrados e calçadas tão estreitas que dificultam o caminhar sobre elas”.

Ainda nesse sentido, Waterman apresenta:

No caso dos meios urbanos, o caráter da paisagem é determinado pela fusão de múltiplas influências. Elementos sociais, culturais, econômicos e históricos são expressos em uma linguagem espacial que se baseia na topografia, na vegetação, nos materiais disponíveis e no clima do local. Os arquitetos paisagistas têm como ler todas essas variáveis da escala urbana e tomar as decisões de projeto que estejam em harmonia com a maneira pela qual as pessoas têm vivido naquele local há gerações. A compreensão do caráter da paisagem é essencial para se configurar lugares e é a própria essência da arquitetura paisagística.(WATERMAN, 2010, p. 81).

Leenhardt, (2006, p.32) descreve que Burle Marx concretiza seus jardins segundo a geometria do sítio. As técnicas utilizadas pelo paisagista, segundo o autor, era a de inserir plantas que atraíssem a atenção do público da periferia ao centro dos ambientes (DOURADO, 2009. p.276).

Rossi (2001 p. 13) descreve que arquitetura da cidade pode ser vista de duas maneiras, a primeira ao ser planejada por arquitetos e engenheiros, com provisões de crescimento e expansão e a segunda como uma cidade singular.

Não obstante, Mariani (1986, p.125) declara que a urbe é o lugar que determina as alterações sociais que acontecem no meio urbano.

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Souza (2004 p. 46) cita que o ato de planejar refere-se à previsão de problemas que a evolução das cidades pode ocasionar. Desse modo, o planejamento urbano propõe que a urbe se desenvolva de forma organizada permitindo a ela o seu desenvolvimento saudável e atendendo os anseios de seus habitantes.

Isso pode ser considerado uma atividade desafiadora, pois na concepção de Lynch (1998 p.1) o planejamento deve encobrir as singularidades de seus habitantes que diferem de acordo com as suas classes sociais, econômicas e culturais.

Contudo, segundo Benevolo (2004 p. 13), a cidade pode aplicar-se em dois sentidos, a primeira no que se refere à identificação das organizações da sociedade civil e a segunda para mostrar a condição física da sociedade. O autor ainda destaca que a condição física da

sociedade pode permanecer mesmo que a própria sociedade não mais exista, resultando em história e exemplo de civilização de épocas passadas.

Lamas e Ressano (2004, p.41) relatam que a estruturação da cidade depende antes de tudo de um minucioso trabalho de investigação e identificação do local. Esse estudo deve considerar os aspectos históricos, sociais e culturais da região (GEDDES, 1994, p.161), todavia, ao contrário do modernismo, a arquitetura pós-moderna procura resgatar elementos simbólicos (DEL RIO, 1990, p.25). Com o tempo, o planejamento das cidades antigas deu-se por abandonado por conta da expansão urbana, as indústrias já não são tão pequenas, o transporte já não é mais o mesmo e a população já é maior

Choay, (1965, p.53) relembra que a expansão urbana trouxe o abandono do planejamento das cidades antigas, pois fatores como o aumento populacional, o auto fluxo do transporte e o crescimento industrial exigiram novos planos e estudos para que a expansão desse de forma organizada e concisa. Deste modo, Souza (2004, p.28) os novos planejamentos devem ter em vista o futuro.

Baseados na Carta de Atenas, Robba e Macedo (2010, p.95), defendem que a cidade precisam atender as necessidades de habitação, circulação, trabalho descanso e lazer para ser considerada uma cidade modelo.

Mascaro (2005) define que o traçado urbano deve considerar os aspectos topográficos do local considerando suas características físicas e os aspectos climáticos. Tal consideração, segundo o autor pode otimizar o traçado e baratear a implantação de suas ruas e avenidas.

Cassilha e Cassilda (SD) revelam que quando uma cidade cresce em grande escala, a necessidade de infraestrutura e serviços básicos demasiadamente grande pode provocar danos ao ambiente natural da cidade. Com isso, Sanchez (2006) afirma a necessidade dos estudos de impacto ambiental que devem ser considerados em todas as edificações afim de minimizar e, se possível, evitar que maiores danos sejam causados no meio ambiente. Em concordância, o autor Mascaró e Mascaró (2005,) defende a conciliação entre cidade X vegetação, onde ambas devem integrar-se favorecendo ambientes agradáveis através de implantação de praças, parques e a permanência da vegetação mesmo em caçadas e fundos de quintal, com vistas a manter a área urbana natural.

Segundo Macedo (2003, p.13 e 61), o vasto crescimento das cidades, muitas vezes sem planejamento ocasionou em cidades com deficiências no quesito lazer e recreação, que dificultam a interação entre seus habitantes. Isso se deu, conforme afirmações de Mascaró (2008 p. 25), devido a falta de preocupação diante da degradação do meio ambiente ocorridas

nos tempos antigos onde não se analisavam o esgotamento das matérias primas naturais. Contudo, o autor destaca que esse fato pode ser minimizado se considerar a implantação de áreas verdes nos centros urbanos trabalhando com uma vegetação adequada para o local.

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Moliterno (2001, p.1) declara que mesmo com o avanço da tecnologia da construção, o tijolo de barro em alvenaria e as pedras continuam fazendo parte dos métodos construtivos até os dias atuais, porém com melhoramentos que permitem maior flexibilidade e possibilidades de formas ao aliar-se com o aço, o concreto, o alumínio entre outros avanços conquistados.

Moliterno (2001) relata que a evolução das tecnologias dos materiais favoreceu a execução por permitirem que grandes edifícios sejam construídos em tempos recordes quando comparados a épocas passadas.

Mehta e Monteiro (1994, p.5), afirmam que o concreto pode ser considerado um material sustentável por permitir a reciclagem dos restos na sua produção além de gastar pouca energia em sua produção.

Lamberts; Dutra, et al (1997, p.14), conta que a preocupação ambiental ocupou papel de destaque no século XX. A eficiência energética tornou-se fundamental na construção de grandes edificações a fim de minimizar os impactos ambientais e foram trazidos também para as residências unifamiliares a fim de afirmar um compromisso que deve ser de toda a população. Costa (2004) completa afirmando que as novas técnicas construtivas podem ser utilizadas aproveitando as condições favoráveis do próprio ambiente para atingir a eficiência e a economia desejada. Lamberts *et al.* (2004, p. 24) relata que é necessário que o profissional conheça os conceitos básicos sobre desempenho energético e traduza esse conhecimento em estratégias simples que possam ser implantadas pelos seus clientes com baixo custo, como por exemplo a utilização de vegetação no entorno da edificação.

Frota e Schiffer (2003, p. 66) reconhecem a importância de aliar a tecnologia utilizando recursos ativos e passivos. Os autores relatam que em certas zonas climáticas, é impossível obter o conforto térmico de maneira natural, contudo as técnicas de aproveitamento das condições climáticas locais devem ser exploradas ao máximo e devem ser completadas com os sistemas de iluminação e climatização artificiais.

Para que a humanização dos espaços seja alcançada, Romero (2001) diz que é necessária

um consenso entre homem X meio ambiente. O autor destaca que é necessário uma conscientização da população quanto ao conforto através de meios passivos que podem beneficiá-lo economicamente a curto ou longo prazo e combater a degradação dos recursos naturais.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

A Revisão bibliográfica e suporte teórico contemplam a base teórica da pesquisa e discorrem a partir dos estudos do planejamento urbano, o planejamento urbano, a morfologia urbana e os espaços humanizados, para então chegar ao resumo do capítulo.

3.1 O PLANEJAMENTO URBANO

Segundo Abiko, (1995, p.37) a revolução industrial foi uma das principais causas de aglomeramentos urbanos. Do adensamento sem precedentes dos bairros operários nasceu a necessidade de estudar e organizar o caos advindo dessa concentração populacional. O autor destaca que aí surge o planejamento urbano, com vista a propor soluções em busca de resolver os problemas urbanos.

Souza (2004), nos traz que 80% da população vivem em regiões consideradas urbanas. Essa porcentagem traduz o crescimento acelerado das cidades que se transformam em zonas congestionadas. Seu crescimento indefinido se dá através de da aglomeração de cruzamentos, comércios, vias de passagens, estradas, ferrovias, pessoas e automóveis que fazem desse cenário o novo panorama moderno.

O autor ainda nos traz que a situação atual das cidades que confrontam profundas crises políticas e ambiental faz com que a necessidade de um planejador urbano seja imensuravelmente importante, uma vez que é necessário recriar a harmonia entre homem e a natureza.

Nas últimas décadas, o urbanismo se associou muito a expressão “Desenho Urbano”, numa tentativa de articular o traçado urbano com a percepção ambiental. Rio (1995) afirma que desenvolvimento, governo, planejamento e projeto deveriam conversar entre si. Dessa forma, o planejamento urbano, sugere por consecutivo, um contexto mais amplo que apenas o Desenho Urbano, além disso, abrangendo o próprio urbanismo.

Para Souza (2004), os problemas das cidades devem ser superados através das estratégias apensadas durante o processo do planejamento urbano. Os problemas devem ser previstos em seus estudos preliminares e que antecedem a evolução das urbes, e destaca que planejar é prever futuros problemas e lançar estratégias para que esses obstáculos sejam superados “tentar simular os desenvolvimentos de um processo, com o objetivo de melhor

precaver-se contra prováveis problemas ou, inversamente, com o intuito de melhor tirar partido de prováveis benefícios”

Segundo Abiko (1995 p. 40), a Carta de Atenas é uma resposta aos problemas ocasionados pela grande expansão urbana e propõe soluções para sanar o caos causado durante anos pela falta de planejamento. A carta sugere soluções que priorizam a setorização das cidades e o planejamento do uso do solo, além de focar no lazer , na moradia e trabalho de seus habitantes.

3.2 MORFOLOGIA URBANA

O urbanista Lynch (1997), destaca em sua obra “*A imagem da cidade*” a maneira em que percebemos a cidade e as suas características além de criar divisões que facilitam a compreensão dos espaços urbanos, utilizando-se da forma em que o homem se orienta no espaço através de pontos de referências na paisagem, caminhos limites, bairros, etc.

Para Lynch (1960), os observadores aproveitam-se de cinco pontos para distinguir a imagem de uma cidade. São eles:

- Caminhos/vias – que são caracterizados pelas ruas, calçadas, entre outros canais utilizados para locomoção;
- Limites – que são os elementos lineares dados como fronteira, qualquer contorno perceptível, tais como muros ou construções;
- os bairros –que são as regiões urbanas bidimensionais de grande ou pequeno porte;
- Cruzamentos – considerados pontos estratégicos das cidades, pode ser praças, pontos de aglomerações ou típicas convergências entre vias;
- Pontos marcantes - caracterizados por objetos físicos peculiares que podem servir como ponto de referência como lojas edifícios ou montanha;

Segundo Lynch (1960), a percepção ambiental pode ser considerada segundo três elementos: estrutura, identidade e significado. A assimilação de um objeto depende de sua distinção em relação a outras coisas, ou seja, sua identidade. Além disso, a imagem da cidade deve incluir o padrão espacial ou a relação do objeto com o observador e com os outros objetos, o que a autora chamou de estrutura.

Qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que

facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificada, poderosamente estruturadas e altamente úteis (LYNCH, 1960, p. 9).

Lynch (1960) analisa as vias como principais meios estruturadores da cidade. O autor destaca que é os habitantes desses espaços que criam os caminhos da cidade e da a eles a sua estrutura conforme suas necessidades, transformando-as em áreas arborizadas ou desertificado, com comercio ou apenas caminhos de passagem, espaços largos ou estreitos, como marcos notórios ou apenas espaços vazios.

Lynch (1960) explica que limites, é caracterizados pela presença de uma fronteira entre duas regiões distintas, barreiras penetráveis ou não que mas que restringem a circulação e que pode isolar determinada área.

Saboya (2008) concorda com Lynch e reforça ao dizer que considera barreiras como viadutos ou rios e que este faz a ligação entre dois ou mais elementos. O autor também complementa dizendo que, quando os limites são numerosos, pode provocar um mal pressagio às cidades uma vez que atuará como barreiras que separarão de forma negativa às zonas segregando as urbes e prejudicando a visão de um todo.

Lynch (1960) afirma que os bairros são regiões onde o expectador penetra mentalmente, são partes razoavelmente grandes da cidade e que são apreendidas como havendo determinada característica comum.

Lynch (1960) explica que os cruzamentos são pontos estratégicos das urbes, onde pode haver aglomerações como praças, locais de interrupções de transporte ou convergências entre vias, de fato este seria a melhor tradução do conceito de cruzamentos, segundo o autor.

Para Lynch (1960) os pontos marcantes servem de referencia para o individuo e pode ser caracterizado por qualquer elemento físico, palpável, como por exemplo, uma montanha, uma loja, ou um monumento.

3.3 ESPAÇOS HUMANIZADOS

Maricato (2003) relatam que a qualidade de vida dos habitantes de uma cidade deve-se a vários fatores a serem considerados ainda no processo de planejamento de uma cidade. Uma das questões mais relevantes nesse quesito diz respeito ao meio ambiente. Segundo o autor, as áreas verdes publicas favorecem a saúde mental e física dos seus habitantes e por isso estão diretamente relacionadas ao bem estar de seus munícipes.

Para Lerner (2010, p. 75) a vegetação na cidade é uma alternativa para as urbes que, as vezes, não possuem atrativos e que mudam radicalmente quando este tratamento lhe é dado.

Feiber (2005), relata que os locais com maiores índices de arborização encontra-se cada vez mais afastados dos afazeres do dia-a dia. O autor ainda fala sobre a importância de trazer essas áreas verdes para próximo dos centros urbanos para que essas possam promover uma melhora na poluição atmosférica, sonora e visual.

Ainda conforme Feiber (2005, p.23):

Como as áreas centrais são constantemente associadas à ideia que se tem da cidade, essa imagem é fortemente ligada a sua região central, devido a inúmeros fatores, desde culturais e históricos a outros de caráter subjetivo, que geralmente refletem o que as pessoas classificam como própria identidade da cidade.

Cavalheiro e Del Picchia (1992), discursam sobre determinados benefícios que as áreas verdes causam para o indivíduo no meio urbano, além do conforto imediato na saúde mental e física. Entre tantos privilégios os autores destacam o melhoramento do conforto ambiental, diminuição da poluição sonora e da poluição do ar, abrigo à fauna, consolidação do solo por meio da ancoragem das raízes das plantas, proteção das nascentes, lazer e recreação aos munícipes, e diversificação da paisagem construída.

Oliveira (1996), salienta que os acrescentamentos que as áreas verdes propiciam, contribui no enaltecimento de espaços para a harmonia social além do realce econômico do patrimônio da urbe.

3.3.1 Praças públicas

De acordo com Guzzo (1999, p.1-2) a praça é um espaço público que compõe um referencial urbano. Tem grande importância histórica e cultural urbana, pois expressa o surgimento e o desenvolvimento de várias cidades, inclusive no Brasil. Sendo assim, possui uma definição ampla, já que trata-se de um espaço público urbano que proporciona recreação, convivência e lazer para os usuários.

Mascaró (2005 p. 43) narra em sua obra “*Vegetação Urbana*” que “ a presença de arvore provoca um aumento da umidade relativa do ar em todos os recintos”. Tal afirmação dá se após um experimento com medições *in loco* realizado em vários centros urbanos, comprovando a eficácia da vegetação mesmo em áreas altamente poluídas.

Nucci (1996) revela varias funções relacionadas às praças publicas que muitas vezes são despercebidas pelos seus usuários. Tais funções são: Recreação através de um amplo espaço livre para a movimentação dos usuários; Interação com a natureza; Barreira para o som proporcionado pela vegetação; Temperatura mais amena; Influenciar nas relações entre os indivíduos; Sensação de equilíbrio e tranquilidade; Aumento da umidade relativa do ar.

Para Nucci (1996), a praça pública pode ser considerada uma área verde de fácil acesso ao urbano e proporciona o lazer e o convívio da população em meio a natureza

Alex (2008 p. 126) expõe que “o convívio social no espaço publico está intimamente relacionado às oportunidades de acesso e uso” o autor relata ainda que é necessário criar uma relação de conexão entre os espaços urbanos variados proporcionando acessibilidade para os urbanos para a socialização desse espaço.

Para Motta (1998), o projeto da praça deve antecipar o uso de vegetação arbórea, com um planejamento de manejo das espécies, tratamento e reposição, visando o tipo ideal de espécies a serem plantadas e prevendo a manutenção de cada espécie.

4 CORRELATOS

Para melhor compreensão a respeito das áreas humanizadas, apresenta-se a seguir três breves exemplos de cidades pensadas como cidades bem sucedidas no que se refere ao bem estar de sua população com planejamentos que supriram e suprem as necessidades de seus urbanos.

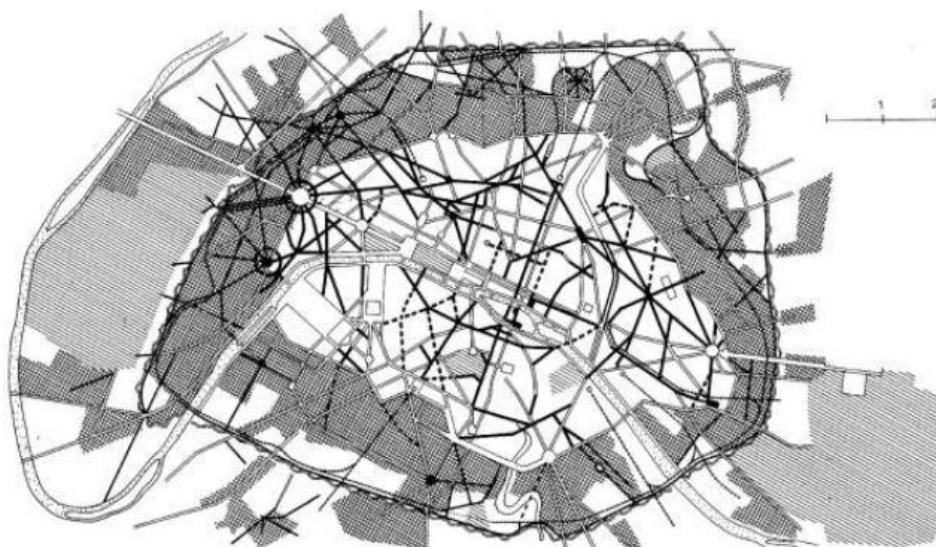
4.1 O PLANO DE HAUSSMANN PARA A CIDADE DE PARIS

Harvey (2009 p. 10) define que a primeira grande reforma urbanística foi realizada pelo barão Haussmann, na grande Paris. Com o intuito de liberar o tecido urbano para manobras militares, o barão promoveu uma grande transformação em um terço do tecido urbano.

Custódio (2004 p. 80) relata que Haussmann procurou enobrecer o ambiente urbano com instrumentos urbanísticos tradicionais utilizando a regularidade, escolhendo um edifício monumental antigo como ponto de partida para as ruas, contrapondo ambientes privados e públicos onde a rua era o principal elo de ligação.

Fonseca e Blanco (S.D) descrevem que os parques e jardins públicos foram resultantes do resíduo do traçado determinado no plano de Haussmann, tornando-se uma verdadeira teia complexa de lotes irregulares (imagem 01)

Imagem 01: Esquema das aberturas realizadas por Haussmann



Fonte: Benevolo, 1998

Benevolo (1998) relata que Plano Urbanístico uma das duas ilhas denominada Île de la Cité (imagem 02) localizadas no coração da cidade passaria a ser uma zona militar e administrativa. O autor ainda acrescenta que no processo da reforma 49km de ruas estreitas deixaram de existir e 165km de vias planejadas foram construídas com o melhor sistema de esgoto considerados os os melhores ate os dias atuais.

Imagem 02: Île de la Cité



Fonte: site [www. lartnouveau.com](http://www.lartnouveau.com) em 18/05/2017

4.2 TRAÇADO E TOPOGRAFIA DA CIDADE DE MARINGÁ

Tows (2015, p.28) expõe que a cidade de Maringá situada no estado do Paraná foi planejada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, que, inspirado na cidade jardim tornou a cidade em um campo de estudo na linha de planejamento estratégico.

De acordo com Meneguetti e Rego, et. al (2009, p.49), a urbe foi favorecida em seu planejamento urbano devido aos seus atributos paisagísticos, que simplificou o crescimento da cidade possibilitando uma expansão organizada.

Segundo Rego (2001 p. 1573) as irregularidades do terreno da cidade eram, nas palavras do autor, “artisticamente organizadas”, o que lhe causou um grande apreço no planejamento da urbe.

Imagem 03: Rotatória da cidade de Maringá



Fonte: site www.deville.com.br acessado em 15/05/2017

No centro da cidade, as ruas formam um tabuleiro de xadrez, as ruas que afastam-se do centro abraçam as curvas de níveis; as rotatórias transformam-se em pequenas e médias praças de convívio, destacando-se na paisagem (imagem 03), os bairros atuam como centros auxiliares, com praças e comércio, propondo facilidade e acessibilidade aos urbanos.(MENEGUETTI; REGO; BELOTO; 2009, p.32).

Rego (2001, p.1573) afirma que a forma do terreno irregular foram decisivas para o traçado da cidade e foi através dessa topografia que se definiu a forma urbana dilatada e o traçado orgânico como diretrizes para as principais ruas.

4.3 A COERENCIA ESPACIAL DA CIDADE DE CURITIBA

Curitiba uma cidade Paranaense, com grandes feitos em sua história, porém segundo Carollo (2002), a topografia e a paisagem natural de Curitiba, nunca foram elementos de destaque no cenário urbano. Inicialmente se tinha em questão o lugar que seria instalada, discussões essas que se se prolongaram por grande parte do período colonial 1653 até 1853 e tinha como objetivo escolher a melhor localização para os moradores.

Curitiba se construiu dentro de uma coerência espacial com localização minuciosamente projetada, amparada por uma topografia favorável, uma encosta, que seria o ponto de maior elevação e com segurança calculada. Onde Curitiba como a grande parte das cidades brasileiras, fez parte da organização territorial portuguesa, a partir do litoral (CAROLLO, 2002).

Dividido em três etapas, o plano Agache foi desenvolvida em três fases, sendo elas: Fase de estudos e investigação da urbe; Constituição do plano; Abordou as questões de abastecimento de água, inundações e sistema de esgoto sanitário (MOREIRA, SD).

Embasado em estudos sociológicos, o urbanista procurou expandir a cidade criando uma identidade única, enaltecendo e valorizando a moral de seus habitantes e gerando uma nova percepção urbana trazendo para a cidade características de grandes centros urbanos europeus e norte americanos. (CAROLLO, 2002).

Dudeque (2010 p. 231) exemplifica a implantação de características europeias citando os modelos de Essen na Alemanha (imagem 04) como justificativa para a interrupção do tráfego de automóveis na rua Quinze de novembro, cidade esta que promove a seus habitantes amplas áreas verdes para apreciação , lazer e recreação além de ruas exclusivas para pedestres.

Imagem 04: Via para pedestre em Essen



Fonte: koopzondag, 2017

Dudeque (2010 p. 165; 205) transcreve que o Plano Agache que o tráfego urbano eram “conduzidos para pontos “cenográficos” hierarquicamente superiores” e afirma que o novo modelo de cidade criava um cenário moderno porém com características do séc XIX.

Seco (2016) cita que a preferência do urbanista por ônibus em vias expressas deu-se ao entender que linhas de metrô eram caras e pouco eficientes. Com isso criou o transporte rápido por ônibus que se difundiu e atualmente é praticado em mais de 300 cidades.

5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

O presente capítulo faz a reflexão sobre uma realidade local considerando o que já foi estudado nas linhas teóricas durante o processo de pesquisa desse estudo.

5.1 CORBÉLIA

O município de Corbélia recebeu sua emancipação através da Lei Estadual nº 4382 de 10 de junho de 1961 desmembrando-se da cidade de Cascavel e recebendo o título oficialmente em 08 de Dezembro de 1961. Situada a 24 km da cidade de Cascavel, o pequeno município teve um grande aumento populacional após sua emancipação (CORBÉLIA, 2016).

Dados disponibilizados no site oficial da cidade mostram que no início da década de 60, o município contava com 2.252 habitantes, e na década seguinte esse numero evoluiu para 39.834 habitantes, enquanto na zona rural haviam 1.852 habitantes e posteriormente 36.799, isso se mostra que a expansão do espaço agrário em Corbélia centrou-se na ampliação das áreas agrícolas (CORBÉLIA, 2016).

Localizada na região Oeste do Estado do Paraná, a pequena cidade faz divisa com os municípios de Anahy, Braganey, Cafelândia, Cascavel, Iguatu, Nova Aurora e Ubitatã e segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE- para o ano de 2010, sua população aproximada foi de 15.800 habitantes, distribuídos em uma área de 529 Km² (CORBÉLIA, 2016)..

Com 529 km², o pequeno município ainda abriga dois distritos denominados Penha, situado ao Norte da sede, distante 12 km, com ligação pela BR-369 e Ouro Verde do Piquiri ao norte do distrito de Nossa Senhora da Penha, distante da sede 22 km, com ligações asfálticas também pela BR-369 (CORBÉLIA, 2016).

Atualmente a principal atividade do município é a agropecuária, com destaque para as lavouras de cana-de-açúcar, arroz, café, erva-mate (folha verde), feijão, milho, mandioca, soja e trigo. Na pecuária destaca-se o rebanho de bovinos, suínos, gado leiteiro e galináceos (CORBÉLIA, 2016).

Em homenagem a seus primeiros habitantes, as avenidas receberam nomes de estados, que referenciam os estados de origem de seus colonizadores, enquanto as praças públicas (

imagem 05) recebem denominações de países e as ruas recebem nomes de flores, para simbolizarem uma Corbélia (CORBÉLIA, 2016).

Imagem 05: Praça Guadalajara em Corbelia



Fonte: Daiane Peroza, 2011.

CONSIDERAÇÕES

Na introdução foram apresentados o tema, assunto, justificativa e problema de pesquisa; objetivo geral e específicos, marco teórico e encaminhamento metodológico. O intuito destes eram apresentar os aspectos gerais do trabalho, a fim de se compreender os motivos, limitações e o que se esperava alcançar com este.

No segundo capítulo, foram realizadas as aproximações teóricas dos estudos dos fundamentos da arquitetura e do urbanismo que buscaram conectar o tema e o assunto da pesquisa com as diversas áreas da arquitetura e urbanismo e embasaram o trabalho no desenvolvimento das etapas seguintes.

No terceiro capítulo, tratou-se da revisão bibliográfica e do suporte teórico que consistiram na base teórica do trabalho e discutiu assuntos como planejamento urbano, morfologia urbana e os espaços humanizados.

No quarto capítulo, os correlatos das cidades de Paris, Maringá e Curitiba trouxeram exemplos de cidades pensadas no bem estar de seus munícipes com planejamentos estrategicamente planejados por urbanistas de renome.

No quinto capítulo, inicia-se a aplicação do tema em uma realidade a ser analisada

A pesquisa apresentada faz parte do trabalho de conclusão de curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e buscou dar início a um estudo que terá continuidade no segundo semestre de 2017. Intenciona-se, nesse segundo semestre, elaborar um estudo de caso visando analisar as capacidades da cidade de Corbelia em promover a harmonia urbana garantindo a humanização do espaço urbano. De acordo com Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya; ALMEIDA, Marco Antônio Plácido de; BARREIROS, Marco Antônio Ferreira. **Urbanismo: história e desenvolvimento**. São Paulo: Escola politécnica da universidade de São Paulo, 1995.

ABBUD, Benedito. – **Criando Paisagens** – Ed. 4, São Paulo, 2006.

ALEX, Sun. **Projeto da praça convívio e exclusão no espaço público**. Editora Senac, São Paulo, 2008

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 4ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 1998.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade e o Arquiteto**. 2.ed. PERSPECTIVA S.A, 2004.

BENEVOLO, L. História da arquitetura moderna. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BORGES, Gladys Cabral de Melo. **Desenho geométrico e geometria**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

CAROLLO, Bráulio. **Alfred Agache em Curitiba e sua visão de Urbanismo**. 2002. Dissertação de mestrado, apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura PROPARG / PUCPR.

CASSILHA, Gilda Amaral.; CASSILHA, Simone Amaral. **Planejamento Urbano e Meio Ambiente**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

CAVALHEIRO, F.; DEL PICCHIA, P.C.D. **Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento**. In: Anais do 1º Congresso Brasileiro sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional sobre Arborização Urbana, 1992, Vitória-ES.

CBIC – CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. **Construção sustentável**. Sem data. Disponível em: <www.cbic.org.br/sites/default/files/Programa-Construcao-Sustentavel.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. 2015 Disponível em: <http://www2.fag.edu.br/novo/arquivos/academico-online/manual-de-normas-2015-22.pdf> Acessado em: 03/03/2017

COSTA, Ennio Cruz. **Arquitetura ecológica: condicionamento térmico natural**. 3.ed3 São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 2004.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DOYLE, Michael E. **Desenho a cores**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

DUDEQUE, Irã. **Nenhum dia sem uma linha: Uma historia do urbanismo em Curitiba**. São Paulo. Studio Nobel, 2010.

FONSECA, Rafael Faria Simoes; BLANCO, Andre. **Barcelona: de Gaudi aos grandes eventos – uma análise histórica**. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/608.pdf>> acesso: 08 de maio de 2017.

FONTES, M. – **Arquitetura Vivenciada** – São Paulo, 2002.

FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. **Manual de conforto térmico**. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. Loyola; São Paulo, 2001.

GONZALES, S; HOLANDA, et al. **O Espaço da Cidade**. 1ª Edição. São Paulo: Projeto, 1985.

GUZZO, P. **Estudos dos espaços livres de uso público e da cobertura vegetal em área urbana da cidade de Ribeirão Preto . SP**. 1999. 106f. Dissertação (Mestrado em Geociências) . Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista,Rio Claro. 1999.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. 3ª Edição. Campinas: Papirus, 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2000.

HERTZ, John. **Ecotécnicas em arquitetura**: como projetar nos trópicos úmidos do Brasil. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: ed.Atlas, 2011.

LAMAS, José M.; RESSANO, Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Luciano; et al. **Eficiência energética na Arquitetura**. São Paulo: PW, 1997.

LEENHARDT, Jacques. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva S.A., 2006.

MARIANI, Riccardo. **A cidade moderna entre a história e a cultura**. São Paulo: Nobe, 1986.

LERNER, J. **Acupuntura urbana**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LYNCH, Kevin, 1918 - **A imagem da cidade** - tradução Jefferson Luiz Camargo. - São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**. 2ª edição. São Paulo: Vozes Editora, 2003.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MASCARÓ, Lucia, MASCARÓ, Juan. **Vegetação Urbana**. 2ª ed, Porto Alegre – RS: Mais quatro, 2005.

MATUS, Carlos. **Política, planejamento e governo**. 2.ed. Brasília: IPEA, v.1. 1996.

MEHTA, Povindar K; MONTEIRO Paulo, José Melaragno. **Concreto: estrutura, propriedades e materiais**. Editora: Pini. 1.ed. São Paulo, 1994.

MOLITERNO, Antonio. **Caderno de estruturas em alvenaria e concreto simples**. São Paulo: Afiliada, 2001.

MONTENEGRO, Gildo A. **Desenho Arquitetônico**. 4ª ed. São Paulo: Edgar Blucher, 2001.

MOTTA, G.L.O. **Inventário da arborização de áreas verdes, utilizando um sistema hierárquico para endereço impreciso**. Viçosa, 1998. 124 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa.

NUCCI, J.C. **Qualidade ambiental e adensamento urbano**. São Paulo: Humanitas, 2001.

OLIVEIRA, C.H. **Planejamento ambiental na cidade de São Carlos (SP) com ênfase nas áreas públicas e áreas verdes: diagnóstico e propostas**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais)- Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2001.

REGO, Renato Leão. O Desenho Urbano de Maringá e a Ideia de Cidade Jardim. Rev. Scientiarum. Departamento de Engenharia Civil, Maringá, nº6, p.1569-1577, 2001.

ROGERS, Richard. **Cidades Para um Pequeno Planeta**. Barcelona: ed. Gustavo Gili, 2001

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. 1ª Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: ed. Atlas, 1982.

SABOYA, Renato. **Concepção de um sistema de suporte à elaboração de planos diretores participativos**. 2007. Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil – Universidade Federal de Santa Catarina.

SÁNCHEZ, Luis Enrique. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2006

SECO, Raquel. **Planeta futuro: Curitiba, cidade modelo**. Rio de Janeiro. El País. 2016.

SEGRE, Roberto. **Arquitetura Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Viana e Mosley, 2004.

SILVA, Pérides. **Acústica arquitetônica e condicionamento de ar**. Belo Horizonte: Front Cover, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TOWS, Ricardo Luiz. **Grandes projetos urbanos como reprodução da lógica do capital em Maringá (PR)**. 2015. Tese (Pós-graduação em geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <<http://sites.uem.br/pge/documentos-para-publicacao/teses/teses-2015-pdfs/RicardoTows.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Rio de Janeiro: ver, SOCERJ, 2007.

VILLAÇA, F. – **Espaço intra-urbano no Brasil** – ed. 2, São Paulo, 2011

WATERMAN, T. – **Fundamentos de Paisagismo** – Porto Alegre, 2010.

WONG, Wunicius. **Princípios de Forma e Desenho**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookmam. 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.